

## PERCEPÇÃO DE IMPACTOS AMBIENTAIS E MOTIVOS DE ADESÃO DE UNIVERSITÁRIOS AO PROJETO VIVÊNCIAS EM ESCALADA\*

Flávio Idalírio de Lima Leite (Graduando em Educação Física, DEFMH/UFSCar)<sup>1</sup>  
Luiz Gonçalves Junior (Doutor, DEFMH/UFSCar)

### Resumo

O Projeto de Extensão “Vivências em Escalada” tem o propósito de proporcionar conhecimento sobre a escalada. Podem se inscrever na atividade qualquer pessoa da comunidade interna ou externa da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), porém a pesquisa teve como sujeitos estudantes universitários da UFSCar (maioria dos inscritos). As atividades se desenvolvem predominantemente na parede de escalada da caixa d’água da UFSCar. As técnicas apresentadas aos inscritos são: “Boulder” e “Top-Rope” sendo que no final de cada semestre os participantes do projeto realizam uma excursão no Morro do Cuscuzeiro onde é obtido real contato com ambiente natural. Este estudo tem por objetivo investigar o(s) motivo(s) que levaram os estudantes a inscreverem-se no projeto e a respectiva percepção destes a respeito do possível impacto que o meio ambiente pode sofrer com as Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) frequentemente na mídia denominadas esportes radicais. Utilizou-se na pesquisa abordagem qualitativa, na qual os estudantes da UFSCar respondiam por escrito duas questões abertas. Os dados obtidos referentes aos motivos de adesão ao projeto e consciência ambiental dos participantes irão subsidiar o aprimoramento do desenvolvimento futuro do projeto visando tanto educação pelo lazer como educação para o lazer.

### Introdução

O Projeto de Extensão “Vivências em Escalada” é desenvolvido na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) desde agosto de 2003 e tem o propósito de proporcionar conhecimento sobre a escalada – história, técnicas de escalada, tipos de escalada, procedimentos de segurança, equipamentos (mosquetões, corda, cadeirinha e freios) e fornecer subsídios para atitude autônoma e consciente em seu lazer.

Podem se inscrever gratuitamente no projeto qualquer pessoa da comunidade interna ou externa da UFSCar, desde que maiores de idade ou autorizados por seus pais ou responsáveis através da assinatura de um termo de responsabilidade antes de cada prática. Ressalta-se, no entanto, que quase a totalidade dos inscritos são jovens estudantes universitários.

As atividades teóricas e práticas do projeto de extensão “Vivências em Escalada” se desenvolvem predominantemente na parede de escalada da caixa d’água da UFSCar com equipamento do Centro Universitário de Montanhismo e Excursionismo (CUME), que é o responsável pela manutenção da mesma (acordo com a Prefeitura Universitária).

Nas sessões do projeto com participantes recém inscritos apresenta-se a citada parede de escalada, descreve-se as vias (rotas de escalada demarcadas por distintas cores que representam distintos graus de dificuldade) e comenta-se sobre os equipamentos de segurança

---

\* **Referência:** LEITE, Flávio Idalírio de Lima; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Percepção de impactos ambientais e motivos de adesão de universitários ao projeto vivências em escalada. In: XVIII ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER - LAZER NO ESPAÇO URBANO: TRANSVERSALIDADE E NOVAS TECNOLOGIAS, 2006, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2006. v. 1.

<sup>1</sup> Endereço: Rua Costa Rica nº110 A, Bairro Nova Estância, São Carlos-SP, CEP 13566-690.  
Tel. (16) 3351-8769, Fax (16) 3351-8294, Cel (16) 8127-9647.  
Email: idaliriouai@gmail.com

básicos. Logo após é possibilitado um primeiro contato físico dos participantes com a parede de escalada, onde se realiza a princípio o “Boulder” (atividade de deslocamento em uma rocha ou em uma parede - em cimento ou madeira - no sentido predominantemente horizontal), o objetivo desta atividade é favorecer a autoconfiança, o desenvolvimento do equilíbrio (observação do centro de gravidade do corpo) e do posicionamento das mãos e dos pés no decorrer do deslocamento nas pedras (naturais ou de resina) fixadas na parede.

Após algumas sessões, a depender do desenvolvimento de cada um no “Boulder”, o participante é orientado para realizar o “Top Rope” (consiste em escalar uma rocha ou parede - em cimento ou madeira, no sentido predominantemente vertical, sendo na UFSCar uma caixa d’água em cimento, medindo cerca de 22 metros de altura, sendo que no topo da mesma é fixada a parte central de uma corda, uma das extremidades na cadeirinha do participante que irá escalar verticalmente com intuito de atingir o topo, e a outra extremidade da corda fica junto ao monitor para que este faça a segurança do praticante, recolhendo gradualmente a corda para si, evitando queda acentuada do participante em caso de deslize ou perda da garra).

Ao final de cada semestre os alunos inscritos no projeto realizam passeio no Morro do Cuscuzeiro, localizado na cidade de Analândia (distante 60 quilômetros de São Carlos e 200 quilômetros da cidade de São Paulo) para conhecerem melhor a escalada em rocha natural e terem, após o período de treinamento na superfície artificial da caixa d’água, real contato com “Atividades Físicas de Aventura na Natureza” (AFAN). Assim, de forma segura realiza-se o passeio que envolve além da escalada, caminhada e banhos de rio e/ou cachoeira em um ambiente natural. Outros passeios em contato em meio a paisagens naturais são propostos pelo CUME e eventualmente se efetivam com participação dos inscritos no “Vivências em Escalada”.

O monitor responsável pela condução das atividades do citado Projeto de Extensão, necessariamente é membro do CUME e aluno do curso de Educação Física da UFSCar. A participação de graduando do curso de Educação Física na monitoria do projeto possibilita contato com atividades diferenciadas de lazer, denominadas, de acordo com BETRÁN (2003) “Atividades Físicas de Aventura na Natureza” (comumente chamadas “Esportes de Aventura” nos meios de comunicação de massa), favorecendo contato profissionalmente orientado com atividades ainda pouco exploradas no meio acadêmico. Além disso, o projeto e seus encaminhamentos são discutidos nas reuniões de orientação e da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana visando realização de estudos sistematizados sobre a extensão universitária em questão.

O objetivo deste estudo é verificar junto aos estudantes da UFSCar participantes do projeto de extensão “Vivências em Escalada” o(s) motivo(s) que os levaram a freqüentar a citada extensão e sua percepção de possíveis impactos ambientais quando do desenvolvimento de Atividades Físicas de Aventura em meio a ambientes naturais. Tais dados irão subsidiar o aprimoramento no desenvolvimento futuro do projeto visando tanto educação pelo lazer como educação para o lazer.

Esclarece-se que o lazer é entendido nesse artigo conforme MARCELLINO (2000), como um fenômeno cultural, gerado historicamente, e, portanto, não isolado do contexto sócio-econômico. Entende este autor o lazer como: a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída), no “tempo disponível” (já que em nossa sociedade pouco existe de tempo realmente “livre” e autônomo). Sendo “fundamental como traço definidor, o caráter ‘desinteressado’ dessa vivência. Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa, além da satisfação provocada pela situação. A disponibilidade de tempo significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa” (p.31).

Ainda de acordo com MARCELLINO (2000) o lazer pode ser tanto veículo como objeto de educação. *Veículo*, pois através dele é possível que as pessoas se eduquem

(educação *pelo* lazer) através de seus conteúdos culturais; e *objeto*, porque o próprio lazer pode ser o motivo da ação educativa (educação *para* o lazer). É possível ainda que quando as pessoas estão tendo processo de educação *pelo* lazer adquiram também educação *para* o lazer, pois o exercício/experiência pode gerar o desenvolvimento do próprio lazer (por exemplo, tendo oportunidade de assistir diversos filmes no cinema e/ou diversas peças de teatro). No entanto, é preciso cuidado por na atualidade vivermos em uma sociedade de consumo, em que se fazem presentes, em níveis nunca vistos, as chamadas indústrias cultural, do turismo e do lazer. Portanto, é fundamental considerar a ação educativa que procure corrigir estas tendências indesejáveis, possibilitando aprendizado, estímulo e iniciação, viabilizando passagem de níveis menos elaborados para níveis mais elaborados, críticos e seletivos.

### **Metodologia**

Utilizou-se questionário estruturado de corte qualitativo, com duas questões abertas, junto a 16 estudantes da UFSCar participantes do projeto de extensão “Vivências em Escalada”, vinculado ao Programa Esporte Para Cidadania, ofertado pelo Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da Universidade Federal de São Carlos. Salienta-se que embora o citado projeto de extensão seja aberto a comunidade em geral, os questionários foram entregues apenas aos estudantes universitários (predominantemente de cursos de graduação) da UFSCar, maioria participante do referido projeto e sujeitos desta pesquisa.

Responderam ao questionário por escrito, os sujeitos A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O e P.

As questões versavam sobre: o(s) motivo(s)/objetivo(s) que o levou a inscrever-se na extensão; e 2) se na opinião do participante o ambiente sofre impactos com Atividades Físicas de Aventura. Sendo que as duas questões solicitavam comentários/explicações complementares.

Salienta-se que, de acordo com NEGRINE (1999) em pesquisas de natureza qualitativa não há preocupação com generalização, busca-se antes uma compreensão originada na descrição dos sujeitos.

Para além da dicotomização entre quantitativo-qualitativo, o fundamental é ficar claro que a análise dos dados coletados é que determinará seu caráter qualitativo ou quantitativo. Em outras palavras, quando estão presentes o quadro de referência, os valores, a visão de mundo, a não generalização dos resultados, a não neutralidade dos instrumentos e a subjetividade do pesquisador no processo de compreensão dos dados, estará presente a dimensão qualitativa de pesquisa (ANDRÉ, 1995).

### **Resultados e Discussão**

No que diz respeito ao(s) motivo(s)/objetivo(s) que levaram os participantes a inscreverem-se na extensão identificou-se 2 sujeitos que se interessaram objetivando bem estar, como K, que afirma buscar na atividade “desenvolvimento físico e psicológico, novas amizades” e C que pretende “fazer novos exercícios e ficar com mais saúde”.

A participante D entende que “A facilidade e a vontade foram os fatores principais para iniciar a atividade de escalada. Tentei uma vez e me identifiquei muito”.

Outros 3 estudantes motivaram-se a procurar o projeto em função das sensações que as AFAN despertam. É o caso de L, para ele “a sensação que a escalada oferece ao praticante é inexplicável. É um esporte desafiante em que o praticante necessita se superar e enfrentar seus medos”. O mesmo ocorre com G que diz gostar “muito de esportes radicais” ou de P que considera a “atividade muito interessante e prazerosa”.

4 universitários disseram ter procurado o “Vivências em Escaladas” pela “curiosidade para conhecer o esporte” (M e H) e que apesar do interesse não tinham “tido a oportunidade de praticar” (I) e “aprender a escalar” (A).

Entre os sujeitos participantes 2 afirmaram ter recebido “influência de amigos” (B e F).

Os estudantes E, J e O informaram que a aproximação à atividade se deu pela possibilidade do contato com a natureza. Sendo que apenas N respondeu ser “pelo lazer”.

Tais declarações (especialmente dos dois primeiros sujeitos, K e C) remete-nos a reflexão de MARCELLINO (1996), no que diz respeito aos constantes apelos da população pela qualidade de vida, muito difundida nos discursos políticos e pelos meios de comunicação, que atribuíram importância ao lazer, sem, no entanto, existirem ações concretas do poder público com estabelecimento de políticas para o setor devidamente articuladas com outras esferas de atuação pública, e em articulação com as iniciativas da população, bem como a iniciativa privada fomentando parcerias. *“Falar numa política de lazer significa falar não só de uma política de atividades, que na maioria das vezes acabam por se constituir em eventos isolados, e não em política de animação como processo; significa falar em redução de jornada de trabalho – sem redução de salários, e, portanto, numa política de reordenação do tempo, numa política de transporte urbano etc; significa, também falar numa política de reordenação do solo – urbano, incluindo aí os espaços e equipamentos de lazer, o que inclui a moradia e seu entorno; e, finalmente, numa política de formação de quadros, profissionais e voluntários para trabalharem de forma eficiente e atualizada”* (MARCELLINO, 2001, p.11).

A segunda questão solicitava ao participante comentário/explicação se na opinião dele o ambiente sofre impactos com as Atividades Físicas de Aventura.

4 pessoas (D, G, C e J) acreditam que as AFAN não causam impactos relevantes no ambiente, relatando D que “está é uma forma de integrar o homem e a natureza. Conhecendo as maravilhas do meio ambiente e seus benefícios, o homem preserva-o”.

Outros 7 sujeitos (A, B, E, F, I, L e P) dizem que depende da consciência de cada praticante. K entende que “enquanto houver praticantes conscientes o ambiente está seguro. Acho que todo iniciante em Atividades Físicas de Aventura deve ter uma boa noção e conscientização do meio ambiente”. P diz acreditar depender “do profissionalismo e experiência dos envolvidos”.

Sobre o uso de espaços outrora exclusivamente rurais (finalidades ligadas à agropecuária) CAMPANHOLA & SILVA (2002) escrevem a respeito do que denominam “o novo rural”, ou seja, o uso de propriedades rurais que outrora se dedicavam exclusivamente à agricultura e a pecuária e que, na atualidade, passaram a se dedicar também ao turismo rural, ao ecoturismo e a recreação e lazer, apontando que o lazer em meio a paisagens rurais, pode trazer diversas vantagens a região onde se instala, dentre elas: a geração de empregos; a promoção da preservação de recursos naturais, culturais e históricos; e o favorecimento ao desenvolvimento de consciência ambiental, especialmente quando há trabalho junto às comunidades locais, turistas e visitantes de educação ambiental.

Por outro lado o lazer em meio a paisagens rurais, ao invés de melhorar as condições de vida, emprego, cultura e consciência ambiental das comunidades locais (normalmente rurais), pode afastá-las em função da comercialização destas paisagens através da especulação imobiliária; da empregabilidade de pessoas externas a comunidade local (em geral por conta da baixa qualificação dos moradores originais e o pouco ou nenhum investimento dos Grupos Empreendedores e/ou do Poder Público Municipal neste sentido); e da elevação dos preços de mercadorias e serviços na cidade ou região (CAMPANHOLA & SILVA, 2002; LUCHIARI, 2002).

5 participantes (H, L, M, O e N) afirmaram que tais atividades acarretam impactos na natureza. Destaca-se deste comentário feito pela M de que “no cerrado da UFSCar vários mamíferos pequenos já morreram atropelados por bicicleta. O pessoal que faz trilha às vezes não tem consciência ecológica e depredam a trilha sem contar que o trânsito de pessoas por um local antes não freqüentado e a instalação de equipamentos na vegetação modifica, de certa forma, o ambiente. São impactos mínimos, mas são impactos”. L concorda e acrescenta

que “mesmo adotando políticas de mínimo impacto, as pessoas responsáveis por tais atividades devem ter o bom senso de avaliar se a região explorada necessita de um tempo para a sua devida recuperação, para assim evitar a degradação permanente do local”.

Em outros termos precisa-se estar atento, pois com o fluxo cada vez maior de pessoas em busca de contato com paisagens naturais/rurais, tem igualmente crescido a privatização ou terceirização de tais paisagens, corroborando, segundo LUCHIARI (2002) para que empresas se encarreguem de construir e gerir os equipamentos turísticos transformando essas áreas em parques particulares destinadas exclusivamente à obtenção de lucro e, mesmo as modalidades de turismo de natureza que aparentemente estão mais próximas de uma concepção de sustentabilidade são, por vezes, limitadas pelas estratégias de mercado e políticas públicas que tomam a natureza como uma mercadoria valorizada, tornando áreas naturais/rurais de exclusivo uso das elites econômicas.

### **Considerações Finais**

Com base na análise dos dados obtidos através das respostas aos questionários é possível considerar que os motivos determinantes na adesão ao projeto de extensão “Vivências em Escalada” são: busca de bem estar e desenvolvimento; contato com a natureza; curiosidade; desejo de conhecer novas pessoas; início da atividade por influência de amigos; pelo lazer, pelas sensações de desafio e superação que a escalada promove ao praticante.

Nesse sentido destaca-se recente estudo realizado por MUNHOZ & GONÇALVES JUNIOR (2004) que também constata a importância do Grupo Alpino Excursionista (GAE) e do Centro Universitário de Montanhismo e Excursionismo (CUME) na disseminação das Atividades Físicas de Aventura na Natureza na região; a existência de grande número de estudantes universitários (decorrência da existência de duas grandes universidades públicas na cidade: Universidade de São Paulo – campus São Carlos - e UFSCar) interessados em diferentes atividades; a diversidade de acidentes geográficos (cachoeiras, corredeiras, montanhas e cavernas) existentes nas proximidades de São Carlos; e o aumento acentuado de pessoas buscando atividades que proporcionam contato com a natureza, ratificando uma tendência mundial, demarcando novos comportamentos, dinâmicas e busca de novos estilos de vida.

No que diz respeito à percepção dos participantes do projeto acerca dos possíveis impactos que a natureza pode sofrer com as Atividades Físicas de Aventura na Natureza percebeu-se a existência clara de três distintos grupos: os que afirmam que o ambiente sofre com as Atividades Físicas de Aventura na Natureza; os que dizem que o mesmo não sofre impacto considerável ou até mesmo não sofrem impacto algum e aqueles que entendem que a ocorrência ou não de impactos e em distintos graus depende da consciência dos praticantes e/ou profissionais ligados as Atividades Físicas de Aventura na Natureza.

Tais dados serão úteis no sentido de reorientar/aprimorar o projeto no sentido de efetivamente contribuir no caminho indicado por MARCELLINO (2000) quando descreve o duplo aspecto educativo do lazer: veículo e objeto de educação.

Assim, na educação pelo lazer, é preciso considerar suas potencialidades para o desenvolvimento pessoal e social, tanto considerando o relaxamento e o prazer decorrentes da prática ou contemplação no lazer, como no sentido da compreensão da realidade, do reconhecimento das responsabilidades sociais, como é o caso da atenção a preservação das paisagens naturais e do desenvolvimento sustentável, que deverá ser melhor trabalhado com os participantes do projeto em decorrência das características das AFAN e das respostas obtidas.

Por outro lado na educação para o lazer, ou seja, no aprendizado crítico para o usufruto do próprio lazer, possibilitar, como recomenda MARCELLINO (2000), a passagem de níveis menos elaborados para níveis mais complexos, possibilitando autonomia, autenticidade e seletividade em seu lazer, no qual o sujeito não se situe como mero consumidor alienado dos

produtos da indústria cultural ou usufrua seu lazer apenas repousando para recuperação da força de trabalho.

### **Referências Bibliográficas**

ANDRÉ, Marli E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

BETRÁN, Javier. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa. **Turismo, Lazer e Natureza**. Barueri: Manole, 2003. p.157-202.

CAMPANHOLA, Clayton; SILVA, José Graziano da. O lazer e o novo rural. In: BRUHNS, Heloísa T., GUTIERREZ, Gustavo L. (orgs.). **Enfoques contemporâneos do lúdico: III ciclo de debates lazer e motricidade**. Campinas: Autores Associados / Comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp, 2002.

LUCHIARI, Maria Tereza D.P. A mercantilização das paisagens naturais. In: BRUHNS, Heloísa T., GUTIERREZ, Gustavo L. (orgs.). **Enfoques contemporâneos do lúdico: III ciclo de debates lazer e motricidade**. Campinas: Autores Associados / Comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp, 2002.

MARCELLINO, Nelson C. (org.). **Políticas públicas setoriais de lazer: o papel das prefeituras**. Campinas: Autores Associados, 1996.

MARCELLINO, Nelson C. **Lazer e educação**. 6ª ed. Campinas: Papirus, 2000.

MARCELLINO, Nelson C. (org.). **Lazer e esporte: políticas públicas**. Campinas: Autores Associados, 2001.

MUNHOZ, Janaina de Freitas; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Atividades físicas de aventura na natureza: trajetória na região de São Carlos. In: **III CONGRESSO CIENTÍFICO LATINO AMERICANO UNIMEP/FIEP**, 2004, Piracicaba. Anais...(CD-ROM), 2004.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N.S. (org.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Editora Universidade / UFRGS / Sulina, 1999, p.61-93.